

Cesar Maia x *Jornal do Brasil*: A disputa pelo controle da informação na Era Digital

Marcelo Chimento ¹

***Resumo:** Este trabalho analisa a crítica do *Jornal do Brasil*, em abril de 2008, ao fato de que o prefeito do Rio, César Maia, só responde aos jornalistas por e-mail, chegando a afirmar que “o prefeito sumiu”, e a resposta de Maia, para o qual alguns veículos ainda não entendem a Internet como novo meio de comunicação. A tese é que, por trás deste embate, existe uma disputa, com raízes na história da imprensa, pelo controle da informação governamental. Enquanto os jornalistas tentam manter sua hegemonia, o prefeito investe no e-mail e no seu “ex-blog” para atingir públicos específicos e controlar sua exposição na mídia tradicional.*

***Palavras-chave:** política, Internet, imprensa.*

1. Introdução

As relações cada vez mais intensas – e freqüentemente conflituosas – entre atores políticos e meios de comunicação refletem uma mudança estrutural na sociedade, que pode ser explicada pelo surgimento de uma “democracia de público”. Ela se opõe a um “parlamentarismo de notáveis”, dos séculos XVII a XIX, e à democracia de partidos dos séculos XIX e XX (MANIN apud ALDÉ, 2004, p. 20).

Com uma nítida diferença em relação às fases anteriores, em que ora o político era eleito com base em confiança pessoal e não precisa representar interesses de suas bases, ora deveria se enquadrar nas ideologias partidárias, a “democracia de público” indica a personalização da escolha eleitoral. Neste processo, a mídia adquire importância decisiva, uma vez que permite a comunicação direta entre candidatos e seus potenciais eleitores.

Desta forma, a mídia se transforma no principal espaço para debate e formação de uma pauta de prioridades públicas, à qual os diversos atores políticos estão atentos e tentam mobilizá-la a seu favor, como “política de opinião”.

Diante deste novo cenário, já na Conferência de Paz de Paris, em 1919, a relação entre o governo americano e a imprensa começa a se tornar mais próxima (SCHUDSON, 1978, p. 164). Embora, é preciso ressaltar, proximidade não seja sinônimo de colaboração irrestrita.

A relação mudou ainda mais nos anos 1960, quando os Estados Unidos assistiram à emergência de uma cultura crítica na imprensa americana, especialmente em relação ao governo, cujo símbolo foi a investigação do caso *Watergate*, que levou à renúncia do

¹ Jornalista e aluno de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

presidente norte-americano Richard Nixon em 1974 (SCHUDSON, 1978, p. 188). Tudo isso em prol de uma postura mais independente.

No Brasil, em defesa da mesma “independência”, os meios de comunicação adotaram uma visão particular de si, permitindo a defesa de certas posições políticas, acima das divisões partidárias (ALBUQUERQUE apud ALDÉ, MENDES e FIGUEIREDO, 2007, p. 2).

No embate entre o prefeito do Rio, Cesar Maia, e o *Jornal do Brasil*, tema deste trabalho, a auto-concepção dos jornalistas como “filtros, selecionadores e organizadores” de conteúdo (ALDÉ, ESCOBAR e CHAGAS, 2007, p. 30) se revela na tentativa incessante do jornal de entrevistar pessoalmente o prefeito sobre a epidemia de dengue na cidade, mas sem sucesso. Desta forma, o jornal anuncia que “o prefeito sumiu”, no dia 2 de abril, enquanto Maia continua respondendo só por e-mail. A frase é, basicamente, um jogo de retórica, já que a imprensa sabia, pelo menos desde 2003, que ele respondia às perguntas dos jornalistas pelo correio eletrônico.²

A polêmica seguiu até que, no dia 8 de abril, o prefeito apresenta um texto, em seu “ex-blog”, no qual afirma que “parte da imprensa não entende a Internet como um meio de comunicação”, destacando a possibilidade de respostas ágeis e lembrando que entrevistas por telefone também são mediadas.

Independente de qualquer avaliação sobre as ações da prefeitura no combate à dengue, o que não é o objetivo aqui, a tese deste trabalho é que o embate entre o prefeito e o jornal revela uma disputa mais complexa pelo controle da informação diante das novas possibilidades da Internet. Afinal, a resposta escrita é muito mais “controlada” do que a entrevista pessoal ou via TV, em que o político é submetido ao contraditório. Além disso, a imagem (expressão) transmite muito mais informações do que a palavra (MEYROWITZ, 1985, p. 94).

Para Hewitt (2007, p. 120-121), os *blogs* (ou mesmo o “ex-blog” de Cesar Maia) estariam prontos a oferecer informação “confiável” e muito mais ágil ao público. O conceito de “confiável” do autor poderia ser substituído pela identificação do usuário com um “autor” que fuge aos padrões da grande imprensa – vista, em certos casos, como “parcial” e “sensacionalista”.

A proposta do estudo é examinar o trajeto desde a formação de uma mentalidade profissional do jornalista, passando pela consolidação da noção de objetividade até chegar à crítica destas idéias e suas concepções particulares no contexto da mídia brasileira, sempre em relação com a política.

Por outro lado, a idéia é mostrar, com o exemplo de Cesar Maia e do *JB*, como a credibilidade da mídia passa a ser questionada pelas novas fontes de informação da Internet, evidenciando uma disputa pelo controle da informação.

Na conclusão, o estudo procura avaliar o potencial da Internet para a discussão dos negócios públicos, bem como suas limitações e a necessidade do pluralismo para a formação da opinião política.

2. Do jornalismo profissional ao pensamento crítico

² Informação baseada na experiência do autor como repórter do jornal carioca *Extra* de 2003 a 2007.

2.1 Objetividade e identidade profissional

O primeiro passo neste estudo se refere à profissionalização da imprensa e ao conceito de objetividade. Principal característica que os jornais atribuem a si mesmos, a objetividade não era uma questão importante até o início do século XIX nos Estados Unidos, quando os periódicos tinham circulação limitada, atendiam a grupos políticos ou comerciais e, portanto, só tratavam destes assuntos (SCHUDSON, 1978, p. 15).

A separação entre “fatos” e “opiniões”, como entende-se a objetividade, surgiu com a *penny press*, ou seja, os jornais mais baratos, criados a partir da década de 1830, que valorizavam fatos comuns (e excêntricos), as emoções e o fato narrado perto de seu acontecimento (daí surge o conceito de tempo real). Este fenômeno estava intimamente ligado à ascensão da classe média americana, o que ampliou drasticamente o público dos jornais, segundo Schudson (1978, p. 50).

Mas o conceito de jornalismo profissionalizado surge bem depois. A partir do fim do século XIX, a identificação da classe média com os partidos declina, enquanto cresce o interesse com diversas profissões. Nesta época, surgiram os clubes de imprensa, aumentaram o salário e o prestígio dos repórteres, foram fundados jornais profissionais em Nova Iorque e alguns repórteres se tornaram tão conhecidos, como Richard Harding Davis ou Sylvester Scovel, que conquistaram maior independência em seu trabalho diante dos seus editores (SCHUDSON, 1993, p. 290).

Segundo o autor, o resultado disso é que, no início do século XX, os repórteres “tomaram como sua prerrogativa afirmar alguma coisa sobre o mais vasto sentido da política” (1993, p. 284).

2.2 O *news management* e a crítica da objetividade

A profissionalização do jornalismo e a circulação cada vez maior dos periódicos, impulsionada pelas novas tecnologias de transporte e de informação, levaram a mídia para o centro do debate político, transformando a informação em valor essencial para a deliberação pública. Afinal, a identificação dos cidadãos com os partidos ficava cada vez menor nos Estados Unidos, como citamos acima.

Em 1919, com uma classe jornalística bem mais consciente de seu poder, a Conferência de Paz de Paris marcou uma nova fase nas relações entre os políticos e a imprensa. A cobertura daquele evento e seus impactos no público americano mostraram que a divulgação havia se transformado em requisito para a prática política. “Do início ao fim, a publicidade foi um assunto político da maior importância”, afirma Schudson (1978, p. 165).

A partir daí, governos e políticos iniciaram um jogo de revelação e omissão, cooperação e crítica, especialmente em casos de segurança nacional. O autor (1978, p. 170) cita o conceito de “pseudo-evento”, de Daniel Boorstin, para definir situações de mensagem controlada e com o claro intuito de divulgação. Surgia o *news management*, ou seja, o relacionamento de troca intensiva entre a imprensa e os governos, nos quais o trabalho dos profissionais de relações públicas ganhou importância decisiva.

O problema é que, a partir dos anos 1960, a situação começa a mudar. Influenciada pelo ambiente de contestação, jovens jornalistas desenvolvem uma cultura crítica, especialmente voltada para o Estado.

Para a imprensa, que durante muito tempo se identificava como uma oposição leal ao governo, a ênfase no ‘leal’ foi reduzida, enquanto o destaque ao ‘oposição’ foi ampliado e isso ajudou a levar a cultura crítica para o governo em si. (SCHUDSON, 1978, P. 180-181).
tradução nossa³

Isso causou uma série de conseqüências para o jornalismo. A primeira foi o surgimento do *new journalism*, que trouxe elementos literários e emocionais para o frio texto jornalístico. A segunda foi o fortalecimento de um jornalismo investigativo que buscava a corrupção e a hipocrisia, especialmente nas esferas de governo. Como citamos anteriormente, a investigação de *Watergate*, pelos repórteres Bob Woodward e Carl Bernstein, do *Washington Post*, foi um marco desta nova fase – embora não tenha sido o único, pois a Guerra do Vietnã teve impacto igualmente importante. Porém, esta “agressividade investigativa” gerou reações, como este trabalho mostrará adiante.

Antes disso, é preciso destacar outra conseqüência importante desta época: a crítica que desvenda os pressupostos da objetividade. Ela tem três razões principais: a de que toda reportagem é escrita a partir de valores políticos, sejam do repórter ou do veículo; a de que o formato interfere no texto, já que fatos concretos, mesmo que sejam “pseudo-eventos” ganham mais destaque; e que o próprio jornalismo tende a reforçar as fontes oficiais (SCHUDSON, 1978, P. 184-185).

A análise da objetividade também aponta os métodos jornalísticos como forma de garantir credibilidade ao trabalho do profissional e transferir a responsabilidade por opiniões para terceiros. Dentro deste ritual de buscar aspas e hierarquizar os fatos na reportagem, o contraditório, ou seja, o confronto dos dois lados de cada questão, ganha valor essencial.

Portanto, ao tentar controlar a prática dos meios de comunicação, Cesar Maia “afrontou” um cânone da imprensa, alimentando-se de uma mitologia crítica *pós-Watergate*. De acordo com este pensamento, a agressividade e a fama conquistadas pelo profissional desde os anos 1970 podem apontar tanto para um “jornalismo independente”, como no ideal da objetividade, quanto para uma “mídia irresponsável”, freqüentemente acusada de abusos pelos políticos (SCHUDSON, 1995, p. 157). O prefeito irá explorar esta idéia adiante, como este estudo revelará mais à frente.

2.3 O jornalismo objetivo no Brasil

O modelo de jornalismo americano foi importado no século XX para o Brasil, mas com adaptações às condições nacionais. Afinal, o país possui um passado autoritário, uma democracia recente, o desenvolvimento tardio de uma imprensa comercial (e profissional) e a centralidade da televisão como fonte de informação, deixando os jornais para uma elite cognitiva (ALDÉ, 2004, p. 145).

Desta forma, a ausência de “diversidade externa”, ou seja, a existência de diversas fontes de informação, com opiniões diferentes, cedeu espaço no Brasil ao modelo de “diversidade

³ O trecho correspondente na tradução é: “For the press, which had long pictured itself as a loyal opposition to government, the stress on ‘loyal’ was muted, while the emphasis on ‘opposition’ was fueled by, and in turn helped feed, the critical culture arising the government itself”.

interna”, pelo qual a pluralidade depende das práticas internas de cada veículo (AZEVEDO, 2006, p. 98). Com isso, ganhou força a idéia de que o “ritual da objetividade” é essencial para que o jornalismo seja legitimado socialmente.

Em relação aos jornais, especificamente, sua baixa penetração nas camadas populares é compensada com a capacidade de dialogar com a elite e interferir na agenda política do país – ou da cidade.

Orientados para a elite e os formadores de opinião, estes jornais compensam a baixa penetração nas camadas populares com a grande capacidade de produzir agendas, formatar questões e influenciar percepções e comportamentos tanto no âmbito político-governamental quanto no público em geral, este último através dos líderes de opinião ou através da repercussão da pauta dos jornais na televisão aberta. (AZEVEDO, 2006, p. 95).

2.4 ‘O prefeito sumiu’

O cenário acima confirma a relevância do “ritual da objetividade” para a legitimação da imprensa no Brasil, já que falta a diversidade externa no sistema midiático nacional. Como reflexo claro deste pensamento, o “Dicionário de Comunicação” define a entrevista da seguinte forma:

Trabalho de apuração jornalística que pressupõe **contato pessoal** entre o repórter e uma ou mais pessoas, de destaque ou não, que se disponham a prestar informações [...] para a elaboração de notícias. Os noticiários são quase todos elaborados com base nesse processo de apuração: é o repórter **fazendo perguntas e ouvindo respostas**, sobre fatos ocorridos ou sobre ações, opiniões, e idéias do entrevistado. (BARBOSA e RABAÇA, 2001, p. 272-273)
Grifos nossos

“Contato pessoal”, “fazendo perguntas e ouvindo respostas”. São estes dois pontos que complicaram a relação entre Cesar Maia e o *Jornal do Brasil*, no início de abril de 2008, quando a epidemia de dengue avançava no Rio. No dia 2, a manchete do jornal foi: “O prefeito sumiu”. Na página dez, a matéria principal da editoria Cidade tinha o seguinte título: “Onde está você, Cesar Maia?”.⁴

No dia em que a dengue chegava a 35 mil casos no Rio, a matéria do repórter Marcello Gazzaneo relata que o jornal tentou encontrar Cesar Maia nos três endereços oficiais da prefeitura, mas só conseguiu respostas dele por e-mail. O prefeito limitou-se a dizer que não considerava que a cidade vivia uma epidemia de dengue, mas sim surtos localizados. A respeito de sua agenda, Maia afirmou ainda que tem realizado visitas a hospitais, mas sem divulgações para a imprensa.

Insatisfeito com a resposta do prefeito e sem a possibilidade do contraditório, o jornal partiu para o ataque na matéria:

Do mundo virtual do prefeito para a realidade da dengue nos hospitais, a cidade atingiu a marca de 34.284 vítimas da doença, com mais de 1.500 novos casos registrados ontem. Em três unidades de saúde da rede municipal – os hospitais Lourenço Jorge, na Barra da Tijuca, Miguel Couto, no Leblon, e Souza Aguiar, no Centro – visitados pelo *JB*, à rotina de espera pelo atendimento se juntava à indignação com a atitude de Cesar Maia.

⁴ Para conferir as capas do *JB* de 2 e 3 de abril, bem como a página com a matéria principal do dia 2, veja os anexos I, II e III deste trabalho.

Em editorial na primeira página, o editorial afirmou: “O prefeito Cesar Maia, em particular, refugiou-se num mundo virtual e delirante, em que não há dengue, nem a cidade convive com incontáveis problemas. Uma gestão que não passa de endereço eletrônico”.

O editorial diz ainda que os “cariocas” não toleram mais essa omissão. Ou seja, o jornal se mostra como o reflexo de uma posição geral da sociedade, o que serve para reforçar sua legitimidade.

Como prova disso, não faltam depoimentos de cidadãos e autoridades que confirmam a posição apresentada. No mesmo dia 2, a vereadora Aspásia Camargo (PV) afirma: “Na verdade, o blog dele foi uma forma de demissão da gestão da cidade”.

No dia seguinte, também no *JB*, o assessor especial da Presidência Marco Aurélio Garcia afirma: “Ele é irresponsável em tudo que faz. Olhem a manchete do *JB* de hoje: ‘O prefeito sumiu’. O que ele tem de fazer é governar o Rio”. A manchete do dia é: “Congresso debate sumiço do prefeito”.

A crítica dos leitores também está presente no dia 3 de abril. José de Anchieta Nobre de Almeida diz: “A fuga do nosso alcaide para a abúlica postura virtual quanto à realidade dos problemas do Rio começa para mim, historiador, a preocupar. Estaria ele em plenas condições psíquicas para exercitar o Poder?”. E as críticas se repetiram até o dia 5.

Como afirmamos anteriormente, não se trata de julgar as ações da prefeitura ou as opiniões de Cesar Maia sobre a epidemia de dengue. Mas vale ressaltar que, em sua crítica pela impossibilidade de exercitar o “ritual da objetividade”, o *Jornal do Brasil* se aproveita de um imaginário social que mistura estranhamento e medo em relação às novas tecnologias, reforçando a imagem de “simulacro” de Baudrillard, ou seja, de que o ambiente virtual não corresponde ao mundo real. Sobre isso, Lemos afirma:

O pensamento baudrillardiano é aquele do excesso; quanto mais trocamos informações, menos estamos em comunicação. Trocamos o real pelo hiper-real, a verdadeira comunicação por sua simulação. Estaríamos diante de uma encefalação eletrônica, onde o real desaparece com a instituição do seu simulacro. (LEMOS, 2002, p. 77).

Imaginário à parte, o que interessa a este trabalho é que o jornal utiliza desde seus leitores até atores políticos e conceitos sobre a tecnologia para criticar o prefeito por fugir do “ritual da objetividade” e buscar outras formas de divulgação, mais controladas e menos sujeitas ao contraditório. Afinal, todos sabem que Cesar Maia não sumiu. Ele “desapareceu” para o processo midiático, mas talvez esteja buscando outras formas de “visibilidade”, como este trabalho analisará adiante.

3. O potencial da Internet e a estratégia de Cesar Maia

3.1 A mídia tradicional em xeque

Não restam dúvidas de que a Internet questionou as práticas e a própria posição da imprensa tradicional. Com seu formato descentralizado e ágil, que permite o surgimento de diversos emissores novos, o ambiente virtual diminui a dependência dos cidadãos em relação à imprensa para obter informação sobre os negócios públicos, permitindo o contato direto com os políticos e os grupos de interesses específicos em tempo real (GOMES, 2001, p. 4).

A circulação da informação pela Internet oferece as seguintes vantagens para o debate político: reforça vínculos entre cidadãos e grupos, facilitando as mobilizações em torno de temas específicos; diminui a “invisibilidade” de temas e posições em debate no Parlamento e amplia as chances de acompanhar o andamento destas discussões; e permite uma nova forma de engajamento político, menos doutrinária e sistêmica, mais flexível, eventual e até hedonista (GOMES, 2001, p. 3-4).

Mas há outra novidade em relação à opinião política: com a Internet e, mais recentemente, os *blogs*, a mediação de jornais ou editores torna-se dispensável, ou seja, os blogueiros “não precisam convencer ninguém a ter o direito de convencer alguém. O monopólio da informação, especialmente no mundo da política, foi abalado porque os editores perderam a sua autoridade”. (HEWITT, 2007, p. 140).

Entre os motivos para essa perda de autoridade, Hewitt cita a homogeneização dos veículos da grande imprensa (2007, p. 123). Independente das avaliações do autor sobre as posturas políticas da imprensa americana, o mesmo fenômeno foi observado por Aldé em sua análise sobre a influência da mídia para a formação política do brasileiro. Segundo ela, “os meios de comunicação de massa oferecem maciçamente uma diversidade limitada de enquadramentos” (ALDÉ, 2004, p. 136).

Mesmo ressaltando que a mídia nunca é a única fonte de “enquadramentos” dos fatos políticos para os cidadãos, a autora lembra que, para quem se contenta com as explicações mais acessíveis, “os meios de comunicação interpessoais e de massa tendem, para esses cidadãos, a reforçar-se mutuamente”, refletindo “a vida como ela é”.

Meyrowitz também analisa este problema. Ele afirma que, por seu caráter de público amplo, necessário à sua sobrevivência com anunciantes, a televisão adota a regra básica do *Least Objectional Possible* (LOP), ou seja, a programação menos sujeita à contestação de qualquer parte do público (MEYROWITZ, 1985, p. 73-74).

O resultado disso é que, ainda segundo Aldé, existe uma impressão generalizada no brasileiro de que o sistema informativo é manipulado (ALDÉ, 2004, p. 182) e que, em casos como o do *Jornal Nacional*, da *Rede Globo*, “falta a essência”, ou seja, a explicação dos enquadramentos que orientem a leitura e forneçam chaves reaproveitáveis cognitivamente, o que incomoda principalmente os espectadores mais informados (2004, p. 190). Em resumo, falta uma opinião mais clara e confiável, sem “interesses escusos por trás”.

Hewitt identifica a mesma demanda no público americano e afirma que aí surge o papel decisivo dos *blogs* (2007, p. 123-124). Ao apontar claramente suas opiniões, os *blogs* podem atrair leitores que se identifiquem com o autor e busquem a informação confiável e ágil. Hewitt explica o fenômeno com seu exemplo particular como radialista que leva sua confiabilidade para o *blog*.

A maioria das pessoas que lê Hugh Hewitt o faz porque confia em mim e não tem tempo ou disposição para vasculhar as notícias políticas, nacionais ou internacionais todo dia ou hora, ou editar o que pode ler. Eu sou um atalho, uma conveniência. (HEWITT, 2007, p. 121).

Em seu trabalho, Hewitt cita *blogs* americanos que seriam “confiáveis” em análises, humor ou até mesmo teologia (2007, p. 12), legitimando os *blogs* e atraindo o público para eles.

O que vem acontecendo com Cesar Maia é a mesma coisa. Independente da transformação de sua página num “ex-blog”, excluindo a possibilidade de inclusão dos comentários por parte dos usuários, o boletim enviado diariamente por e-mail (exceto nos fins de semana e feriados) revela-se capaz de interferir e pautar a mídia – e cada vez que isso acontece e o boletim é citado na imprensa, ele ganha mais legitimidade.

Isso aconteceu, por exemplo, em setembro de 2006, quando Maia denunciou que um trecho da propaganda eleitoral do presidente e candidato à reeleição Luiz Inácio Lula da Silva (PT), mostrando um discurso dele na sede da ONU seguido de aplausos, foi montado. O assunto gerou comentários de diversos políticos e ganhou destaque na mídia.⁵

Com isso, ele mantém sua capacidade de interferir no debate público sem precisar da colaboração dos meios de comunicação de massa, ao mesmo tempo em que atende às demandas por informação de grupos que confiam nele. Em resumo, Maia acaba usando, com a imprensa em geral, uma tática semelhante à que a mídia impressa usa em relação às TVs para se legitimar, como foi citado anteriormente.

3.2 O potencial da Internet e o controle da informação

As vantagens da Internet já haviam sido enumeradas pelo prefeito num texto de seu “ex-blog” no dia 3 de janeiro deste ano. Com claro interesse conservador, ele denuncia que “setores de esquerda” criticavam a democracia representativa pelo distanciamento entre políticos e eleitores, defendendo um sistema de democracia direta que incluiria associações de moradores e sindicatos.

Mas, com a Internet, qualquer cidadão poderia interagir diretamente com os políticos, dispensando os “intermediários” citados. O texto afirmava:

Essa é uma prática de democracia direta cuja representatividade será tanto maior quanto maior interesse o eleitor tiver em contatar com o público, interagir e dialogar com ele. O político pode ir desenhando redes – gerais e parciais – e submeter a elas idéias e interagir com as mesmas – desenhar grupos via Orkut, dialogar em tempo real via MSN, etc...⁶

É curioso observar que Cesar Maia estimula a interação entre cidadãos e políticos, mas seu “ex-blog” não permite a inclusão de comentários dos usuários, como foi citado anteriormente. Ele disponibiliza seus e-mails na Internet, mas como os outros usuários não sabem o que escrevem para ele, o debate público fica totalmente comprometido. O próprio “ex-blog” não é assinado diretamente por ele, mas sim pela Juventude Cesar Maia (JCM), grupo que apóia o prefeito.

De qualquer forma, como o interesse aqui é analisar a relação da imprensa com o político Cesar Maia, é importante ressaltar como ele reagiu, pelo “ex-blog” às críticas do *JB*. Logo no dia 3, em meio à crise de dengue, ele afirma que naquele dia o Hospital de Acari inicia suas

⁵ Entre as matérias que reproduziram a denúncia de César Maia, citamos uma: “Propaganda de Lula teria editado vídeo da ONU”, do Estado de S. Paulo. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/arquivo/cidades/2006/not20060922p67596.htm>. Mas é preciso destacar que outros veículos também destacaram a denúncia. Acesso em 26 abr. 2008.

⁶ Para conferir os textos citados do “ex-blog” do Cesar Maia nos dias 03/01/08 e 08/04/08, veja os anexos IV e V deste trabalho.

atividades e anuncia o local como “o mais moderno hospital público construído no Brasil nos últimos 30 anos”. Um link para a foto do hospital está presente.

Em meio às críticas aos governos federal e estadual, freqüentes no “ex-blog”, no dia 7 ele apresenta fotos de sua visita ao Hospital de Acari, mas sem a presença da imprensa. O texto ligado às fotos afirma que Maia “conversou com todos os que estão internados com dengue que elogiaram o serviço e informou a população do entorno do Hospital que a abertura plena ocorrerá na segunda quinzena de maio”.⁷

Ou seja, às críticas sobre o “sumiço” do prefeito ele responde com imagens de sua visita ao Hospital de Acari, mas sem a presença da imprensa, numa clara demonstração de que ele não considera a exposição midiática tão importante para sua estratégia política.

No dia 8 de abril, ou seja, uma semana depois, chega a resposta definitiva do prefeito sobre as críticas. Com o cuidado de não citar o *JB* e não atribuir o texto a si mesmo (o “ex-blog” diz apenas que está reproduzindo comentários do prefeito), Cesar Maia questiona o destaque negativo dado às respostas pela Internet e pergunta por que a imprensa também não destaca quando uma entrevista é dada pelo telefone.

Num argumento semelhante ao de Hewitt, o prefeito afirma que as práticas da imprensa tradicional ficaram ultrapassadas e que é difícil acostumar-se ao novo momento. Ele chega a dizer que as empresas estão erradas na edição de suas páginas na Internet porque fazem a “reprodução eletrônica do jornal”. Ele defende um modelo de *site* sem hierarquização, no qual o leitor pode ser o seu próprio editor.

Num período de transição como ainda estamos por aqui, tudo isso choca e se torna incompreensível para uma cultura tradicional de imprensa. Isso atrasa a comunicação especialmente num mundo rápido. Alguns jornais pensam que a edição do jornal na internet deve ser uma reprodução eletrônica do jornal, quase que como uma cópia página a página. Na verdade o veículo com isso não muda. Todos os jornais do Rio fazem isso, pensando a internet como extensão do jornal. Não é!

Mais adiante, ele justifica sua agenda fechada à imprensa alegando que a mídia está sempre disposta a dramatizar a situação e criar uma “caricatura, e não um retrato do fato”. Por fim, ele lembra que, ao responder perguntas por e-mail, a resposta vai sucinta, sem “pergunta-pegadinha” ou “imagem editada”.

É aí que ele incomoda à imprensa. Ao desqualificar o “ritual da objetividade”, mesmo com um interesse pessoal, ele reafirma a idéia da “mídia irresponsável” e acaba contestando o próprio papel da imprensa como organizadora dos fatos cotidianos e espaço privilegiado para o debate e formação da opinião política.

Mas, além da retórica e da estratégia política, o contato com a imprensa traz outra vantagem significativa: o controle da mensagem emitida. Meyrowitz lembra, ao diferenciar a escrita da imagem, que esta torna públicas diversas informações sobre o emissor que ficariam confinadas às interações privadas, no caso da mensagem textual (1985, p. 95).

Mais adiante, Meyrowitz relaciona este poder das imagens com o declínio das autoridades tradicionais. Ele lembra que, até 1920, a maioria dos cidadãos nunca tinha ouvido a voz de um

⁷ Veja uma das fotos citadas no “ex-blog” neste *link*: http://farm3.static.flickr.com/2138/2394872937_ae6c73d0a9_o.jpg. Acesso em 28 abr. 2008.

presidente (1985, p. 168). Enquanto a “grandeza” destas figuras amplia a demanda da população para estar perto delas, isso também destrói o mito em torno destes homens públicos. Sobre a mensagem escrita, Meyrowitz cita outras vantagens:

O tempo que uma pessoa tem que levar para escrever algo pode ser usado para facilitar a preparação cuidadosa da mensagem final. O tempo pode ser usado para eliminar erros, resolver ambigüidades e esconder o fato de que precisa de tempo para construir e editar a mensagem. (MEYROWITZ, 1985, p. 110). **tradução nossa**⁸

É importante lembrar que, até o início do século XX, presidentes e diversos políticos também se expressavam para a população em geral apenas por mensagens escritas, mas sempre pela mídia. Quando Cesar Maia retoma o poder do texto, com a nova possibilidade de expressar-se diretamente para o público, ele desqualifica a mediação da imprensa ao mesmo tempo em que amplia a capacidade de controlar as informações divulgadas sobre ele – seja pelo “ex-blog”, ou pela imprensa que somente recebe suas respostas por e-mail.

4. Conclusão

O embate entre Cesar Maia e o *Jornal do Brasil* chegou ao fim no dia 8 de abril, pelo menos em relação ao controle da informação, já que as críticas sobre as ações da prefeitura em relação à dengue continuaram nos dias seguintes.⁹ Mas a questão pertinente a este trabalho é que a experiência de políticos (e outros atores sociais) na Internet, seja com *sites*, *blogs* ou “ex-blogs”, está questionando tanto o ritual da imprensa quanto sua primazia para organizar publicamente os debates sobre a política – alegando supostos abusos na prática jornalística.

A partir daí, seria possível criar uma “esfera pública virtual”, nos moldes propostos por Habermas, em que os usuários teriam acesso a diversas fontes de informação e condições de discutir os negócios públicos racionalmente e formar opiniões, sem qualquer hierarquização entre os cidadãos.

A questão é que o uso da Internet com estes fins esbarra em diversos problemas. O primeiro é a distância entre promessas e realizações concretas. No próprio caso de Cesar Maia, o formato do “ex-blog” limita a interação a e-mails para o prefeito, excluindo todos os outros usuários dos temas abordados por um cidadão que escreveu para o político.

Por outro lado, os meios de comunicação de massa não assistem passivamente à expansão dos *blogs* e *sites*. No Brasil, todos os principais veículos e provedores possuem portais informativos e *blogs* de seus jornalistas, lutando com sua força econômica pela hegemonia no ciberespaço. Isso levanta, inclusive, o temor de que estes grupos poderiam até controlar a Internet atraindo os usuários para suas páginas pela força de TVs, rádios, jornais e outros veículos, ganhando ainda mais força com produtos e serviços vendidos num mundo virtual sem fronteiras, como destaca Rousiley Maia (2002, p. 48).

Isso sem contar que a deliberação virtual esbarra em outras duas dificuldades: a exclusão digital e a falta de motivação para a política. É preciso lembrar que, no Brasil, apenas 17,2%

⁸ O trecho correspondente na tradução é: “The time a person must take to write something can be used to facilitate the more careful crafting and molding of the final message. The time can be used to eliminate mistakes, resolve ambiguities, and hide the fact that one needs time to construct and edit the message”.

⁹ A epidemia na cidade começou a ceder apenas no fim de abril. Até lá, o *JB* manteve as críticas, que atingiram também os governos estadual e federal.

dos habitantes são usuários da Internet, como revelou reportagem do Correio Braziliense no ano passado.¹⁰

Sobre a falta de motivação dos cidadãos para os debates sobre os negócios públicos, Maia afirma que há uma grande ignorância da população sobre as ações do governo e as plataformas partidárias. Segundo ela, estudos sobre a implementação da Internet em Bolonha, na Itália, evidenciaram que os grupos de discussão mais populares no ambiente virtual estavam ligados a entretenimentos e a temas a-políticos, como culinária, esporte e viagem (2002, p. 53).

Diante de tais dificuldades, é razoável supor que a pluralidade de fontes, como defende Aldé (2004, p. 205), e a educação para o uso social das novas tecnologias são os melhores caminhos para que os debates políticos possam prosperar com mais participantes e qualidade – isso permitiria a comparação racional entre diferentes argumentos e geraria uma opinião política “refinada”, ou seja, uma visão crítica, testada pelo debate amplo, nos termos de Fishkin (2002, p. 18).

Entre *blogs* de políticos, *sites* de atores sociais e os meios de comunicação de massa, a sociedade precisa lutar – e defender regras – não apenas para garantir a diversidade de fontes informativas, mas também para promover o amplo acesso da população à Internet. Sobre este assunto, Eisenberg e Cepik (2002, p. 311-313) propõem uma agenda positiva que gira em torno de três questões básicas:

- Dotar o cidadão de poder para participar das deliberações públicas (*empowerment*).
- Ampliar e dar mais transparência aos mecanismos de prestação de contas (*accountability*) para que a sociedade possa avaliar e interferir concretamente nas políticas governamentais.
- Aumentar a capacidade de promover políticas públicas que sejam eficientes e atendam às demandas da sociedade.

Para os autores, a questão do *empowerment* passa pela ampliação do acesso à Internet e pela educação da população para explorar o potencial das novas tecnologias de comunicação. Da mesma forma, é necessário que surjam cada vez mais conteúdos em língua portuguesa e voltados para a realidade nacional, superando a centralização das informações em língua inglesa e com foco especialmente nos países mais desenvolvidos.

Sobre a *accountability*, além de ampliar o acesso da população às informações governamentais, é possível iniciar testes com novos mecanismos deliberativos e consultivos por meio das novas tecnologias de comunicação. Para isso, a construção de redes cívicas e a criação de laços com os movimentos sociais serão medidas fundamentais para o sucesso destas políticas.

Finalmente, em relação à governança, os autores propõem a modernização da base tecnológica do governo e de seus fluxos de comunicação com a sociedade brasileira em geral. Embora muitos políticos não considerem que estas sejam providências urgentes diante dos graves problemas sociais que o Brasil vive atualmente, os autores fazem uma advertência:

¹⁰ Veja a íntegra da reportagem citada sobre a Internet no Brasil e em outros países em: <http://www.abin.gov.br/modules/articles/article.php?id=479>.

Mesmo que a pobreza hoje esteja deixada de lado e no alto de nossa lista de prioridades e continue assim nas próximas décadas, a exclusão digital nos ameaça num futuro muito próximo. Ou começamos a agir para enfrentá-las agora, ou amanhã poderemos descobrir que é tarde demais. (EISENBERG e CEPIK, 2002, p. 313)

Com estas propostas, não se imagina que toda a população brasileira passará a ter participação ativa na política. Mas, ao dotá-la de condições plenas para obter e comparar informações, ficará fácil para o cidadão interessado formar uma opinião embasada. Afinal, estudos mostram que, diferente do mito da alienação, o brasileiro se mostra curioso sobre o noticiário político e consciente de que os negócios públicos afetam a vida de cada um (ALDÉ, 2004, p. 202).

Com a chance de comparação das notícias pelo público, os políticos poderão se comunicar mais com seus eleitores, mas também serão questionados intensamente, sem subterfúgios. Enquanto isso, a mídia tradicional terá que se adaptar cada vez mais para a Internet, abrindo-se para as novas fontes e grupos políticos que se organizam no mundo virtual e preparando-se para críticas mais freqüentes. Neste contexto mais saudável para a política no Brasil, o controle da informação passará a ter valor um pouco menor.

Referências

ALBUQUERQUE, Afonso de. “Um outro quarto poder: jornalismo e compromisso político no Brasil”. Revista Contracampo, Rio de Janeiro, v. 4, p. 23-57, 2000 apud ALDÉ, Alessandra, FIGUEIREDO, Marcus e MENDES, Gabriel. *Tomando partido: imprensa e eleições presidenciais em 2006*. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 16º, 2007, Curitiba. Anais... São Paulo: Compós, 2007. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_43.pdf. Acesso em 26 abril 2008.

ALDÉ, Alessandra. *A construção da política: democracia, cidadania e meios de comunicação de massa*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, 216 p.

_____; CHAGAS, Viktor; ESCOBAR, Juliana. *A febre dos blogs de política*. In: Revista FAMECOS, Porto Alegre, n. 33, 2007, p. 29-40. Disponível em: <http://revcom.portcom.intercom.org.br/index.php/famecos/article/view/3257/3084>. Acesso em 26 abril 2008.

_____; FIGUEIREDO, Marcus; MENDES, Gabriel. *Tomando partido: imprensa e eleições presidenciais em 2006*. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 16º, 2007, Curitiba. Anais... São Paulo: Compós, 2007. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_43.pdf. Acesso em 26 abril 2008.

AZEVEDO, Fernando A. *Mídia e democracia no Brasil: relações entre o sistema de mídia e o sistema político*. Revista Opinião Pública, Campinas, n. 1, 2006, p. 88-113. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/op/v12n1/29399.pdf>. Acesso 26 abril 2008.

BARBOSA, Gustavo; RABAÇA, Carlos A. *Dicionário de comunicação*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2001, 2ª. edição. 795 p.

FISHKIN, James S. *Possibilidades democráticas virtuais: Perspectivas da democracia via Internet*. In: CEPIK, Marco; EISENBERG, José (orgs.). *Internet e política: Teoria e prática da democracia eletrônica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. p. 17 – 45.

GOMES, Wilson. *Opinião pública hoje, uma investigação preliminar*. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 9º, 2000, Porto Alegre. Anais... São Paulo: Compós, 2000 apud ALDÉ, Alessandra. *A construção da política: democracia, cidadania e meios de comunicação de massa*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, 216 p.

_____. *Opinião política na internet: uma abordagem ética das questões relativas à censura e liberdade de expressão na comunicação em rede*. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 10º, 2001, Brasília. Anais... São Paulo: Compós, 2001. Disponível em: <http://www.unb.br/fac/comunicacaoepolitica/Wilson2001.pdf>. Acesso em 22 abril 2008.

HEWITT, Hugh. *Blog: entenda a revolução que vai mudar seu mundo*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2007. 261 p.

LEMOS, André. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2002. 295 p.

MAIA, Rousiley S. *Redes cívicas e Internet: Do ambiente informativo denso às condições de deliberação pública*. In: CEPIK, Marco; EISENBERG, José (orgs.). *Internet e política: Teoria e prática da democracia eletrônica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. p. 46 – 72.

MANIN, Bernard. *As metamorfoses do governo representativo*. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, n. 29, 1995, p. 05-34. apud ALDÉ, Alessandra. *A construção da política: democracia, cidadania e meios de comunicação de massa*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, 216 p.

MEYROWITZ, Joshua. *No sense of place: The impacto f eletronic media on social behavior*. New York: Oxford University Press, 1985. 415 p.

SCHUDSON, Michael. *A política da forma narrativa: a emergência das convenções noticiosas na imprensa e na televisão*. In: TRAQUINA, Nelson (org.). *Jornalismo: questões, teorias e estórias*. Lisboa: Veja, 1993.

_____. *Discovering the News: A social history of american newspapers*. New York: Basic Books, 1978. 240 p.

_____. *The Power of News*. Cambridge (Massachusetts): Harvard University Press, 1995. 269 p.

ANEXO I

JORNAL DO BRASIL

jb.com.br

QUARTA-FEIRA Rio de Janeiro, 2 de abril de 2008 | Ano 117 Nº 360 | Desde 1891 2ª edição, 23h

RS 1,00

Guerra contra a dengue

O prefeito sumiu

Enquanto pacientes com dengue aguardavam ontem três horas por socorro em hospitais sem médicos, e doentes lotavam as tendas de campanha, o prefeito Cesar Maia continuava escondido na internet e nas amenidades de sua agenda. Só saiu do gabinete para o Palácio da Cidade, onde recebeu vereadores e almoçou com oficiais do Exército. O JB o procurou para saber o que foi discutido, mas a

resposta veio por e-mail. Maia voltou a negar a epidemia, que já matou 44 pessoas no Rio este ano: "Há um surto epidêmico em Jacarepaguá". Disse ter visitado os mesmos hospitais municipais onde ninguém o vê. Então, o governador Sérgio Cabral cobrou a abertura dos 100 postos de saúde do município que o prefeito insiste em manter fechados nos fins de semana. **Cidade A10**

EDITORIAL

Basta de omissão

Poucos males parecem hoje tão bem divididos quanto o martírio da dengue no Rio. A catástrofe se multiplicou sob os olhos complacentes das autoridades municipais, estaduais e federais. Seis meses atrás, o Ministério da Saúde percebeu que uma grave crise se instalava se algo não fosse feito. Diante do silêncio local, pouco fez. A Secretaria de Saúde do Estado também contemplou, quieto, o avanço da doença. Mas, na prefeitura, a inércia se tornou a mais espantosa negação da epidemia.

Finalmente, os governos federal e estadual acordaram. Na bem-vinda união — em nome da vida e do Rio — o ministro José Gomes Temporão

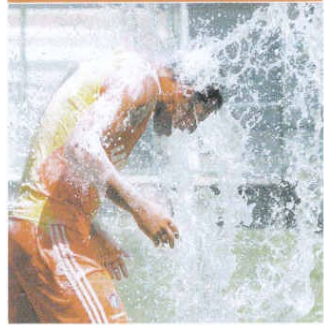
e o secretário Sérgio Côrtes engajaram-se, com os militares, numa tarefa destinada a remover a chaga que atormenta a população. Chega a ser curioso ver o ministro correndo de um lado para o outro na tentativa de resolver o problema, e o secretário em luta para trazer, de outros Estados, médicos para a batalha.

Enquanto isso, as autoridades municipais se escondem. Fugiram. O prefeito Cesar Maia, em particular, refugiou-se num mundo virtual e delirante, em que não há dengue, nem a cidade convive com incoerentes problemas. Uma gestão que não passa de enderpego eletrônico. Omissão não mais tolerada pelos cidadãos.



EXPLOSAO — O hospital de campanha da Aeronáutica, na Barra, entregou todas as 400 camas para atendimento no início da tarde. Na rede pública, não há mais leitos disponíveis para doentes de dengue. Cerca de 50 médicos de cinco Estados chegam ao Rio nos próximos dias para combater a epidemia. **Cidade A11**

>> Ovos no aniversário de 33 anos



>> **BOLA ROLANDO** — Washington correando o Rio contra o Libertini, no Maracanã, pela Libertadores. O River do Piauí recorre o Botafogo, pela Copa do Brasil. Time de Zico encara o inglês Chelsea. **Esportes D3 a D5 e D8**

Planos de saúde já ampliam coberturas

Os planos de saúde estão obrigados, a partir de hoje, a ampliar os serviços para clientes que fecharam contratos desde 1999. A determinação da Agência Nacional de Saúde Complementar inclui agora outros

ciúrgias e tratamentos, a exceção da colocação de Dispositivo Intra-Uterino (DIU) e processos cirúrgicos para epilepsia. As mudanças beneficiarão 70% dos contratantes de planos de saúde. **Economia A20**

COI exige internet livre na China

O Comitê Olímpico Internacional exigiu dos organizadores das Olimpíadas de Pequim o desbloqueio da internet nos Jogos, que começam a sofrer boicotes. O indiano Bhishang Bhunia se negou a seguir a tocha olímpica. **Internacional A22 e Esportes A7**

Bolsa fraude: Alerj cassa deputadas

As deputadas estaduais Renata do Posto (PTB) e Jane Cozzolino (PTC) foram cassadas ontem na Assembleia Legislativa do Rio, acusadas de envolvimento no desvio do Bolsa Família. Tuzalo (PSC) e João Peixoto (PSDC) foram absolvidos. **Cidade A18**



>> **200 TORPEDOS** — O conservador chefe da diplomacia irlandesa, lídica Aleria, renunciou ao ser flagrado mandando mensagens sexuais pelo celular à dançarina de strip-tease Johanna Tukianen. **Internacional A23**

EUA: cresce o uso de vale refeição

Como os programas sociais brasileiros, mas sem necessidade de contrapartida, 28 milhões de pessoas dos Estados Unidos vão usar vale alimentação este ano. Podem pedir o benefício famílias que tenham renda mensal de até US\$ 1.700, patamar considerado um pouco acima da linha de pobreza do país. **Economia A17**

Novo diurético no mercado

Especialista espanhol mostrou, em simpósio internacional de gastroenterologia, no Rio, estudo sobre os aquaréticos, medicamentos que atuam de forma semelhante aos diuréticos. Com a vantagem de eliminarem apenas água do organismo, devem entrar no mercado ainda este ano. **Vida, Saúde & Ciência A24**



Levi's assina contrato com artistas independentes e revoluciona indústria fonográfica **Página B1**

PF vai intervir em área indígena

A Polícia Federal decidiu que vai reinar, à força, se preciso, cinco grandes empresários e 55 famílias de pequenos produtores de arroz, que ainda estão dentro da reserva indígena Raposa/Serra do Sol, em Roraima. A decisão não tem o apoio do Exército, interessado na ocupação daquela área de fronteira. **Pala A3**

TEMPO Página A14
Hoje no Rio: mín 18 máx 33
Amanhã: mín 19 máx 33

INDICADORES Página A38
Dólar (R\$/US\$) 1,7526/1,7534
Euro (R\$/€) 2,7341812/2,7357424
Bovespa (var%/pts.) A+2,96/62.774,85

HOJE 44 PÁGINAS
Primeiro caderno 24 págs
Caderno B 8 págs
Esportes 8 págs
Classificados 4 págs

Reportagem principal do *Jornal do Brasil* no dia 2 de abril de 2008

Onde está você, Cesar Maia?

Reportagem do 'JB' procura o prefeito pela cidade, mas só chega até ele pelo e-mail

Marcello Gazzano

A estudante Jéssica Rosa de Souza, 19 anos, o construtor civil Adilson Silvestre Afonso, 50, e a dona de casa Patrícia Amuntes dos Santos, 27, têm mais em comum do que a sina da espera por atendimento em um hospital da rede municipal. Ontem, enquanto aguardavam por mais três horas que parentes com suspeita de dengue fossem atendidos, exercizavam a figura e a postura do prefeito do Rio diante da epidemia da doença na cidade com um único pergunta: onde está Cesar Maia?

— É pouca vergonha demais. Enquanto ficam médicos nos hospitais, o prefeito está escondido no gabinete — desabafa Patrícia, com Paloma, de apenas quatro meses de vida, no colo. — Também é preciso ter coragem para ser prefeito.

Ontem, em mais um dia de rotina desde que os números da dengue começaram a explodir na cidade, Cesar Maia cumpria agenda pré-programada. Desta vez, saiu do seu gabinete, no Centro Administrativo, na Cidade Nova, para os salões do Palácio da Cidade, em Botafogo. Ali, recebeu vereadores, alguns dos futuros secretários municipais e ainda abraçou com odcia do Comando Militar do Leste (CML).

— Acho sua postura uma covardia. Olha a situação dos hospitais do Rio — diz, indignado, o construtor civil Adilson Afonso, que convalesce a mulher, Aneliza Afonso dos Santos, 51, na fila para ser atendida no Hospital Souza Aguiar. — Já que as autoridades não conseguem acabar com o mosquito da dengue, que pelo menos dêem um atendimento decente nos hospitais da cidade.

Em busca do prefeito

A reportagem do JB percorreu ontem os três endereços oficiais do prefeito para saber onde de cumpriria mais um dia de agenda — em gabinete e dando entrevistas por e-mail. Depois de passar pela Casa da Góvea Paquetá, a residência oficial, em São Conrado, e pelo Centro Administrativo, na Cidade Nova, conseguiu localizar Maia no Palácio da Cidade, em Botafogo. Ali, conforme dito pelo próprio prefeito, por e-mail, teve encontros

com vereadores e alguns dos novos secretários do município. Depois, almoçou com a cúpula do Comando Militar do Leste (CML).

Também por correio eletrônico, Maia não quis dar detalhes sobre o encontro com os militares, que desde segunda-feira, mantém hospitais de campanha para atender às vítimas da doença. Mas considera, mais uma vez, que a cidade não vive uma epidemia de dengue. Como tem declarado, diz que ocorreu um "surto epidêmico em Jacarepaguá, não na cidade toda". Além de "surto no entorno de Mangueiras e de Senador Camará e incidências mais e menos significativas na cidade".

Maia também declara que vem realizando visitas aos hospitais da cidade, mas com agenda fechada, sem divulgação à imprensa. "Se se fala de epidemia na cidade toda, perde-se a prioridade de concentrar serviços nas áreas que precisam mais", completa, por e-mail.

Rio tem quase 35 mil casos

Do mundo virtual do prefeito para a realidade da dengue nos bairros, a cidade atinge a marca de 34.284 vítimas da doença, com mais de 1.500 novos casos registrados ontem. Em três unidades de saúde da rede municipal — os Hospitais Lourenço Jorge, na Barra da Tijuca, Miguel Couto, no Leblon, e Souza Aguiar, no Centro — visitados pelo JB, a rotina de espera pelo atendimento se juntava a indignação com a atitude de Cesar Maia.

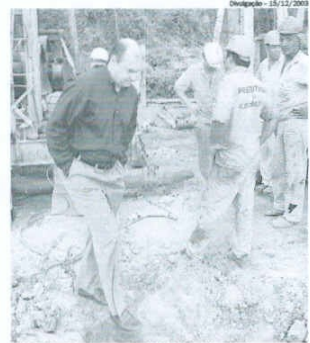
— Eu só posso pensar que o Cesar Maia está sendo, no mínimo, negligente. E basta olhar para as filas nos hospitais do Rio — resume a estudante Jéssica Rosa de Souza, 19, à espera de atendimento no Souza Aguiar, que já durava duas horas.

A indignação não estava estampada apenas nos rostos de quem tinha esperança de ser atendido. Entre funcionários dos hospitais, a revolta era a mesma.

— Não tenho palavras para falar sobre a postura do prefeito. Diante disso que vemos, é melhor ficar calado — desabafa uma enfermeira, há 25 anos na rede municipal de saúde. — Não é só a população que sofre. Nós, que trabalhamos nos hospitais, também somos vítimas, pois não temos estrutura.



PERÍPLO — No encaixo do prefeito, a equipe do 'Jornal do Brasil' chega ao Palácio da Cidade, um dos postos de trabalho do prefeito, passa pelo Hospital Lourenço Jorge e tenta o Miguel Couto. Nada



APARIÇÃO — Em dezembro de 2003, Maia ainda visitava obras

Ex-aliados chocados com mudança do prefeito

Janaina Liharek

A postura do prefeito Cesar Maia diante da epidemia de dengue é mais um indicio das mudanças radicais que marcam a trajetória do alcaide na política. Pessoas que trabalharam e conviveram com ele lembram o homem pró-ativo, que se posicionava diante das situações e não se escondia atrás de e-mails.

— A mudança do prefeito vem acontecendo desde 2003. Ele abandonou as classes média e alta, pois queria os votos da favela. Teve uma visão acomodada, de inércia política, pois achou que o que havia conquistado com a classe média não perderia — opina a vereadora do PV, Aspásia Camargo, ex-aliada. — Na verdade, o blog dele foi uma forma de demissão da gestão da cidade.

Para Sirkis, ele sofre síndrome de Groucho Marx: não governa uma cidade que o elege

Depois de trabalhar diretamente com o prefeito, o ex-secretário municipal de urbanismo Alfredo Sirkis é outra testemunha da metamorfose.

— A mudança foi assustadora. Costumo dizer que o prefeito está sofrendo da síndrome de Groucho Marx e deve estar pensando: não posso ser prefeito de uma cidade que me elege três vezes.

Paulo Ramos, pré-candidato à prefeitura pelo PDT, partido a qual Maia já foi filiado, acha que falta disposição.

— Ele se cansou de ser prefeito.

Não tem mais ânimo para enfrentar os problemas do município.

Para a deputada e também pedetista Cidinha Campos, as mudanças são cada vez mais visíveis.

— Ele é muito mais inteligente do que isso, antes sabia surr a palavra a seu favor, agora só usa contra. Isso não é natural de pessoas saudáveis.

A defesa

Maia se defende, dizendo que com a tecnologia já não é mais tão essencial sair à campo.

— O problema é que o mundo mudou e muitas pessoas não perceberam. Os instrumentos que utilizamos para administrar e governar eram uns e hoje são outros completamente diferentes. Entendo que as pessoas estão acostumadas ao contato físico, mas esse reduz o tempo de trabalho e o alcance das medidas e a amplitude dos canais — responde o alcaide por e-mail.

JORNAL DO BRASIL

jb.com.br

QUINTA-FEIRA

Rio de Janeiro, 3 de abril de 2008 | Ano 117 Nº 361 | Desde 1891 | 2ª edição, 0h30

R\$ 1,00



Guerra contra a dengue

Justiça manda município abrir postos de saúde

A juíza Regina Coeli Medeiros de Carvalho determinou a abertura de todos os postos de saúde da rede municipal por 24 horas, inclusive nos fins de semana, para atendimento a doentes com dengue. Depois de insistir na necessidade de funcionamento integral das unidades, o governador Sérgio Cabral sugeriu que Cesar Maia estivesse irremovível. **Cidade A10**



SUPOCO - Na tensão da Aeronáutica, capacidade esgotada. **Cidade A11**



REPÚBLICA - Estudantes do Colégio São Paulo correm ação. **Cidade A15**



>>> Heloisa Tolpan
Colunista acompanhou bestidores da estréia de 'Os produtores', com Juliana Paes **Página 88**

>>> Salada cosmopolita
De Guingã a Fergie e Ledisi, nada falta no novo disco de Sergio Mendes **Página 81**



>>> Pal ou mãe?
TV dos EUA faz ao vivo ultra-som de transexuais que se diz grávidas **Vida, Saúde & Ciência A24**

Congresso debate sumiço do prefeito

A reunião do prefeito Cesar Maia durante a epidemia de dengue no Rio acirrou os ânimos no Congresso. Citando a manchete O prefeito assina publicações ontem no JB, senadores governistas cobraram em plenário explicações de Maia (que é do DEM) e ameaçam convocá-lo para depor. O chefe do Executivo carioca recebeu críticas de cientistas políticos, de moradores e do assessor da Presidência Marco Aurélio Garcia: "Que cuidado com mosquitos e não me obrigue a falar dele como meu aluno no Chile". **País A2 e A3 e Cidade A11**

Briga judicial ameaça os planos de saúde

A Associação Brasileira de Medicina de Grupo, que representa 270 operadoras da área de saúde no país, contesta na Justiça a decisão que introduziu, desde ontem, cerca de 100 novos procedimentos e serviços nos planos de saúde. Alega que a

>>> Caderno de Esportes



>>> LIBÉRIO E SILVA - Autores dos dois gols sobre o Libertad, Cícero e Thiago Silva comemoram a classificação do Flu. **Esportes D4 e D5**

Missão da Europa tenta salvar Ingrid

A França confirmou o início da missão de assistência médica aos seqüestrados pelas Farc. O filho da ex-candidata à Presidência Ingrid Betancourt afirmou que sua mãe, há seis anos no cativeiro, sofre de hepatite e necessita de transfusão de sangue. **Internacional A22**

Botafogo é derrotado pelo River

O Botafogo perdeu de 2 a 1 do River (PJ), ontem, pela Copa do Brasil. No Flamengo, o Tribunal Eleitoral Bruno, Toró, Vinícius e Cibica para as finais da Taça Rio. Na Tanguá, o Fenerbahçe, de Zico, fez bonito e bateu o Chelsea por 2 a 1. **Esportes D6, D8 e D9**

Abacavir dobra risco cardíaco

Medicamento muito usado no combate à Aids, o Abacavir pode dobrar o risco de ataques cardíacos, segundo pesquisa feita por cientistas dinamarqueses. Apesar da notícia, especialistas acham que vale a pena correr o risco, baseados nos benefícios que a droga traz aos pacientes portadores do HIV. **Vida, Saúde & Saúde A24**

Volkswagen fará recall do Fox

Todos os 477 mil carros Fox, da Volkswagen do Brasil, produzidos desde 2003, terão de fazer ajustes no retardador do banco traseiro, que tem trincado e até mancou o dedo de quem o manuseia. Segundo o Ministério da Justiça, a Volkswagen tem um prazo de 10 dias para se manifestar sobre o recall. **Economia A19**

Bolsa de ações frustra chineses

Milhões de pequenos investidores chineses, que comemoravam elevados ganhos com ações no ano passado, amargam uma queda de 45% nas cotações da Bolsa de Xangai. Foram alertados para a possibilidade de uma expansão do tipo bolha, mas a correção ao eventual lucro continuou. A bolha estourou. **Economia A17**

Decretada prisão do pai de Isabella

O juiz Maurício Fomeni, da 2ª Vara do Juri, em São Paulo, decretou a prisão, por 30 dias, de Alexandre Nardoni e sua mulher, Anna Carolina Tronzi Petronio Jantini. Eles são suspeitos de envolvimento na morte da filha de Nardoni, Isabella, de 5 anos, supostamente atirada pela janela do apartamento do casal. **País A6**

TEMPO	Página A18
Hoje no Rio: min 18 máx 32	77777
INDICADORES	Página A18
Dólar (par) (R\$/US\$)	1,7265/1,7273
Euro (R\$/€)	2,7061/2,7079/46
Bovespa (par) (Ibov)	44.054/93.364/36
HOJE 40 PÁGINAS	
Primeiro caderno	24 págs
Caderno B: Esportes	16 págs
Classificados	4 págs
MEGA SENA Nº 957	
24 - 25 - 32 - 34 - 50 - 57	

Texto citado do “ex-blog” do Cesar Maia do dia 03/01/2008

DEMOCRACIA REPRESENTATIVA E DIRETA, NA ERA ELETRÔNICA!

1. Por décadas e décadas debateu-se conflituosamente na esfera política, seja entre políticos como entre acadêmicos, a convergência ou divergência entre democracia representativa e direta. Setores de esquerda, fora do poder e sem lastro eleitoral, negavam à representação parlamentar legitimidade, alegando poder econômico, compra de votos, demagogia, etc... Como alternativa propunham instancias de democracia direta, através de associações de moradores, sindicatos, conselhos diversos.
2. Por outro lado, seus críticos, reforçavam a democracia representativa, questionando a representatividade dessas associações e conselhos, que seriam na verdade manipulados por profissionais de partidos, que não representavam as bases e que aqueles diminutos grupos ativos que se reuniam apenas representavam-se a si mesmos.
3. Em outro corte, os partidos de quadros, sublinham a democracia representativa, e os partidos de militantes, especialmente os profissionalizados, reforçam a democracia direta, especialmente quando não tem votos.
4. Com a comunicação eletrônica, este quadro muda radicalmente. Os políticos têm a possibilidade de serem alcançados a qualquer momento por qualquer pessoa, seja através de mensagens individuais por e-mail, por web direto, em grupos, em redes, em *sites*, etc... Podem ter o contato individual ou coletivo com o corte que desejarem.
5. Essa é uma pratica de democracia direta cuja representatividade será tanto maior quanto maior interesse o eleitor tiver em contatar com o político, interagir e dialogar com ele. O político pode ir desenhando redes -gerais e parciais- e submeter a elas idéias e interagir com as mesmas - desenhar grupos via Orkut, dialogar em tempo real via MSN, etc....
6. Com isso a dicotomia democracia representativa e direta, desaparece e fica a disposição dos partidos de qualquer tipo, usar estes instrumentos de democracia direta explorando a representatividade que o voto lhe deu tendo seu próprio campo de articulação direta.
7. Desta forma os intermediários profissionais que levam e trazem demandas e reclamações da base social e mistificam seu poder manipulando as diretorias que nomearam, que iludem a mídia com nomes e sobrenomes de associações e conselhos, perderam os instrumentos de falsa representação que detinham.
8. A partir de agora termina a dicotomia entre democracia representativa e direta. Passam a ser um todo integrado e único e a disposição daqueles que tendo voto, passam a ter contatos diretos e a qualquer momento com a população -individual e coletivamente- setorial ou regionalmente, corporativa ou horizontalmente.

ANEXO V

Texto citado do ex-blog do Cesar Maia do dia 08/04/08

PARTE DA IMPRENSA NÃO ENTENDE A INTERNET COMO UM MEIO DE COMUNICAÇÃO!

1. O prefeito do Rio comentava a este Ex-Blog, que achava curioso que sempre que ele responde uma pergunta por e-mail, de TV, Rádio ou Jornal, o veículo cita esse fato: - O prefeito respondeu por e-mail que... Curioso porque nunca dizem que o ministro respondeu por telefone, ou o deputado respondeu num gravador, ou que respondeu cara a cara num restaurante ou em seu gabinete. Por que a internet merece um destaque negativo, ou um "caco" como se fosse uma forma menor de responder a indagação de um repórter?
2. A internet é um veículo de comunicação, tanto quanto o telefone e a palavra, e ao mesmo tempo um meio de comunicação como a imprensa. Mas -como sempre- em períodos de mudança de padrão tecnológico, o hábito dificulta a compreensão de quem por anos opera da mesma forma, com saudades da gravata desapertada, da mesinha com papéis, da máquina de escrever, de um telefone que levava horas para chegar ao entrevistado, do bom papo no bar...
3. Para os jornais só vale a entrevista com um gravador na mão e um fotógrafo do lado. Para o rádio só vale a entrevista com um gravador, estúdio ou telefone e a voz ao vivo. Para a TV só vale a entrevista com as imagens editadas do entrevistado respondendo.
4. Na entrevista por e-mail a resposta vai editada e sucinta. Não há pergunta-pegadinha, não há foto, não há imagem editada, não há voz... Mas por outro lado há a vantagem -cada dia maior- de entrevistar, consultar, perguntar, esclarecer, a qualquer hora do dia e da noite. Ontem com equipamentos fixos, os comentários eram de que o entrevistado ficava sentado atrás de um micro, o dia inteiro. Mas esses comentários permanecem num quadro em que os equipamentos são móveis e miniaturizados, com antena e portanto a disposição do entrevistado e do repórter o dia inteiro em qualquer lugar.
5. Num período de transição como ainda estamos por aqui, tudo isso choca e se torna incompreensível para uma cultura tradicional de imprensa. Isso atrasa a comunicação especialmente num mundo rápido. Alguns jornais pensam que a edição do jornal na internet deve ser uma reprodução eletrônica do jornal, quase que como uma cópia página a página. Na verdade o veículo com isso não muda. Todos os jornais do Rio fazem isso, pensando a internet como extensão do jornal. Não é!
6. Na edição do jornal na internet com as matérias devem ser listadas verticalmente, sem diagramação, sem leads e ou manchetes ou destaques, o editor é cada leitor pessoalmente. Uma micro-notícia pode ser a notícia relevante para quem lê e não a que o editor daquela página gostaria. A ausência de fotos nas páginas internas na edição internetica, rompe com a hegemonia da imagem e garante a hegemonia do texto, do conteúdo e a hierarquização feita pelo consumidor.
7. O que hoje é percebido como mau uso do tempo ou ausência física, será em breve o cotidiano da imprensa, com a internet como vanguarda ou pelo menos entendida como meio com características próprias. A agenda externa fechada evita que a presença da cobertura da imprensa dramatize o contato com a população, sempre pronta para dizer o que a faz aparecer

no dia seguinte ou no mesmo dia nas páginas, voz ou tela. E aí temos uma caricatura e não um retrato do fato, independente que a avaliação do repórter seja essa ou aquela, para abrir (rádio e jornal), ou fechar (TV) a matéria.

8. A liberdade de imprensa não pode ser vista só, como a liberdade dos meios de comunicação. É também a liberdade dos entrevistáveis que podem escolher seus métodos. Amanhã muitos que ainda não sabem, saberão que perderam tempo nestes tempos de mudança, e que o mundo da comunicação já não era/não é o mesmo.